Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

FATORES ALIMENTARES ASSOCIADOS À OBESIDADE EM CRIANÇAS DE 0 A 2 ANOS DE IDADE: UMA REVISÃO NARRATIVA

DIETARY FACTORS ASSOCIATED WITH OBESITY IN CHILDREN AGED 0 TO 2 YEARS: A NARRATIVE REVIEW

Júlia Monteiro Marinho
Acadêmica de Nutrição, Centro Universitário Mario Pontes Jucá – UMJ, Maceió, Alagoas, Brasil
E-mail: juliamont325@gmail.com

Lucilene Cordeiro dos Santos
Acadêmica de Nutrição, Centro Universitário Mario Pontes Jucá – UMJ, Maceió, Alagoas Brasil
E-mail: lucilene.santos059@academico.umj.edu.br

Jullyan Silva Goes Estevam de Godoy
Mestre em Ciências da Saúde, Docente, Centro Universitário Mario Pontes Jucá – UMJ, Maceió, Alagoas, Brasil
E-mail: jullyan.goes@umj.edu.br

Mateus de Lima Macena
Mestre em Nutrição Humana, Docente, Centro Universitário Mario Pontes Jucá – UMJ, Maceió, Alagoas, Brasil
E-mail: mateus.macena@umj.edu.br

André Eduardo Silva Júnior
Mestre em Ciências, Docente, Centro Universitário Mario Pontes Jucá – UMJ, Maceió, Alagoas, Brasil
E-mail: andre.junior@umj.edu.br

Recebido: 15/05/2025 – Aceito: 30/05/2025

Resumo

O objetivo desta revisão é analisar os fatores alimentares associados à obesidade em crianças brasileiras de 0 a 2 anos. Trata-se de uma revisão narrativa, na qual foram inicialmente identificados 906 estudos nas bases de dados. Após a leitura de títulos e resumos e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 11 estudos foram selecionados para análise. A revisão reuniu evidências de estudos brasileiros publicados entre 2018 e 2022, que abordam fatores alimentares associados à obesidade infantil nessa faixa etária. Os estudos incluídos apresentaram tamanhos amostrais variando de 22 a 14.326 crianças. Os resultados demonstraram alta prevalência de práticas alimentares inadequadas, com destaque para a introdução precoce de alimentos ultraprocessados antes dos seis meses de idade. Também foi identificado o comprometimento do aleitamento materno exclusivo, com a introdução precoce de outros alimentos e líquidos nos primeiros meses de vida. Este estudo evidenciou que práticas alimentares inadequadas nos primeiros dois anos de vida estão fortemente associadas ao risco de obesidade infantil no Brasil. A introdução precoce de alimentos

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

ultraprocessados e o desmame antes dos seis meses, contrariando as recomendações de aleitamento materno exclusivo, são fatores críticos que comprometem o crescimento saudável e favorecem o desenvolvimento de doenças crônicas ao longo da vida.

Palavras-chave: aleitamento materno; alimentos ultraprocessados; obesidade.

Abstract

The objective of this review is to analyze the dietary factors associated with obesity in Brazilian children aged 0 to 2 years. This is a narrative review in which 906 studies were initially identified in the databases. After reading titles and abstracts and applying inclusion and exclusion criteria, 11 studies were selected for analysis. The review gathered evidence from Brazilian studies published between 2018 and 2022 that address dietary factors associated with childhood obesity in this age group. The included studies had sample sizes ranging from 22 to 14,326 children. The results showed a high prevalence of inadequate dietary practices, with an emphasis on the early introduction of ultraprocessed foods before six months of age. Early cessation of exclusive breastfeeding was also identified, with the early introduction of other foods and liquids in the first months of life. This study highlighted that inadequate dietary practices in the first two years of life are strongly associated with the risk of childhood obesity in Brazil. The early introduction of ultraprocessed foods and weaning before six months, contrary to the recommendations for exclusive breastfeeding, are critical factors that compromise healthy growth and favor the development of chronic diseases throughout life.

Keywords: Breastfeeding; ultraprocessed foods; obesity.

1. Introdução

A obesidade é uma doença multifatorial e metabólica, com a presença do excesso de gordura corporal, que vem sendo exponencialmente constante no mundo contemporâneo, tornando-se um problema para a saúde pública no Brasil. Por conseguinte, práticas alimentares irregulares na presença desses infantis vêm sendo visualizadas (Wanderley; Ferreira, 2007).

A demanda da oferta do consumo de alimentos ultraprocessados para a população juvenil, um dos fatores principais para uma prevalência de pandemia mundial e das causas de doenças crônicas não transmissíveis por serem com alto valor energético, com uma elevada quantidade de açúcar, sódio e gorduras e baixa presença de macronutrientes e micronutrientes, alimentos in natura e minimamente

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

processados (WHO, 2003; Louzada et al., 2015; Monteiro et al., 2010). Essa mudança desse comportamento alimentar influenciou o perfil nutricional, ocorrendo uma transição alimentar, haja vista que, patologias como diabetes, obesidade e hipertensão, propuseram-se a enfermidades com carências nutricionais (Vasconcelos; Batista Filho, 2011).

Apontam que os produtos ultraprocessados expressam uma maior quantidade calórica, com alto teor de gordura, grandes quantidades de açúcares e sódio e diminuição de fibras. Logo, devido toda manipulação e preparo acabam sendo satisfatórios, com maior duração e mais prático para o consumo. Diante disso, possui um maior interesse, comparado com produtos de melhor teor nutricional, além de ser de menor preço (Louzada et al., 2015).

Nessa perspectiva, o grupo dos alimentos ultraprocessados é de aroma agradável, fácil acesso, são palatáveis e atraentes para o consumidor, fazem com que as crianças aceitem mais rápido, assim desprezando os alimentos ricos em nutrientes, vitaminas e minerais que possibilitam um melhor desenvolvimento para esse público. Sendo assim, é imprescindível a importância da amamentação exclusiva nos seis meses de vida, assim iniciando com alimentação complementar, fazendo que a criança tenha o primeiro contato com o alimento saudável, que seja ofertado amassado ou com tirinhas, haja vista que a criança sinta o sabor, crie habilidades e conhecimentos, além de tudo ter sua própria autonomia (Silva et al., 2018).

Para controlar a obesidade infantil é fundamental que as crianças reduzam o consumo de alimentos ultraprocessados com alto teor de açúcares, sem nutrientes, e incentivar atividade física precocemente, evitando o excesso de líquidos durante a alimentação, distanciar o consumo excessivo de alimentos como frituras, bebidas calóricas, nesse sentido, fazendo com que a criança passe a ter hábitos saudáveis evitando problemas futuros de saúde (Nascimento et al., 2022). Diante disso, o objetivo desta revisão é analisar os fatores alimentares associados à obesidade em crianças brasileiras de 0 a 2 anos no Brasil.

2. Métodos

Trata-se de uma revisão narrativa.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

2.1. Estratégia de busca

Foi realizada a metodologia de revisão narrativa da literatura, com os seguintes buscadores: Electronic Library Online (Scielo) e LILACS. Termos utilizados: (“consumo alimentar” OR "hábito Alimentar") AND (“obesidade infantil”).

2.2. Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos estudos científicos que abordaram a temática proposta sobre os fatores alimentares associados à obesidade em crianças de 0 a 2 anos de idade. Foram excluídos os estudos que não estavam presentes no tema escolhido e aqueles que não incluíam o público infantil com obesidade.

2.3. Seleção de estudos

A seleção de estudos foi realizada a princípio pela leitura dos temas, sendo selecionados os artigos que tratavam da obesidade infantil.

2.5 Extração de dados

Foram extraídos dos estudos incluídos: etiologia, epidemiologia, diagnóstico, tratamento, tratamento dietético, práticas alimentares das crianças associado ao alto consumo de alimentos ultraprocessados e os desafios para perda de peso infantil.

2.6 Análise de dados

A análise dos dados resultou ao início por meio de artigos e textos escolhidos, com base no tema em geral. Sendo uma pesquisa de caráter qualitativo.

2.7 Síntese e discussão

Os estudos evidenciados foram expostos na revisão narrativa, referenciando autores, anos das publicações, e locais que foram desenvolvidos. Diante disso, a síntese foi realizada.

3. Resultados e Discussão

Foram identificados 906 estudos nas bases de dados, após a leitura de títulos e resumos, e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram incluídos restaram 11 estudos (Figura 1).

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

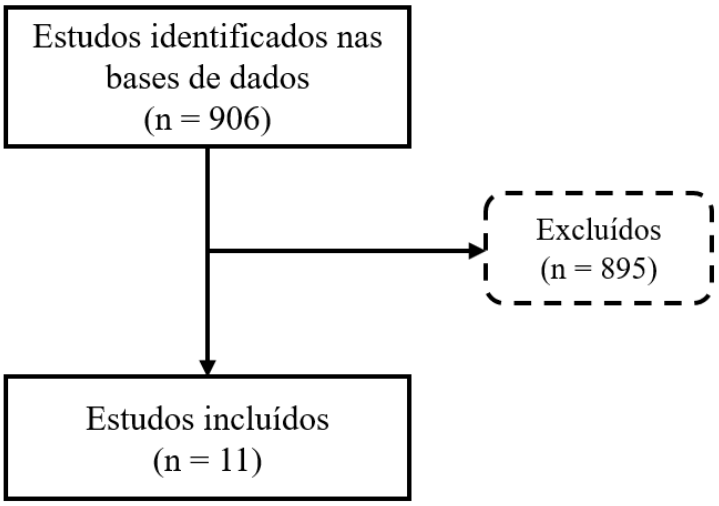

Figura 1. Fluxograma dos estudos incluídos.

A presente revisão da literatura reuniu evidências de estudos brasileiros publicados entre 2018 e 2022, que abordam os fatores alimentares associados à obesidade em crianças de 0 a 2 anos. A análise abrangeu 11 estudos, com tamanhos amostrais variando de 22 a 14.326 crianças (Quadro 1).

Quadro 1. Descrição dos estudos incluídos.

Autor, ano	País	Tamanho da amostra	Faixa etária	Principais resultados
Pereira et al., 2022	Brasil	4.275 crianças	24 meses	A alta média de alimentos ultraprocessados consumidos e a introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação infantil.
Maciel et al., 2021	Brasil	94 crianças	0 a 2 anos	O estudo mostrou que a amamentação das crianças de 0 a 6 meses está comprometida com a introdução precoce de alimentos que não o leite materno.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

Vasconcelos et al., 2021	Brasil	321 crianças	menores de 2 anos	O padrão “misto” incluiu alimentos saudáveis, que devem compor a alimentação de crianças menores de dois anos, como frutas, vegetais, cereais e tubérculos, carne, frango, peixe e ovos. Entretanto, foram incluídos também grupos de alimentos não recomendados, como açúcares e ultraprocessados
Melo et al., 2021	Brasil	12 (54,5%) de crianças do sexo mas culino e 10(45,5%) do feminino.	6 meses	Foi possível verificar nos resultados que a maior parte das crianças recebeu alime ntos além do leite materno antes dos seis meses de idade, o que é considerado introdução alimentar precoce.
Flores et al., 2021	Brasil	4.863 crianças	crianças menores de 24 meses	Observou-se associação entre os padrões alimentares em cada faixa etária, principalmente com cor da pele, sexo, escolaridade do chefe da família, zona de residência e região. Um quarto das crianças de 12 a 23 meses ingeriu refrigerantes, mais de um terço sucos artificiais e quase metade doces no dia anterior à entrevista. Foram identificados três padrões alimentares os alimentos com cargas fatoriais >0,3 estão destacados. O padrão de “alimentos saudáveis” caracterizou-se pelo consumo de frutas, legumes e verduras, carnes e ovos, batata/mandioca, cereais, bolachas e feijão. O padrão de “leites” foi caracterizado pelo consumo de leite materno, outros leites e mingau. E, ainda, o padrão de “alimentos não saudáveis” consistiu em consumo de doces, refrigerantes e sucos

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

				artificiais, além de observar introdução alimentar precoce em crianças menores de seis meses de idade.
Passanha et al., 2021	Brasil	14.326 lactentes	6-11,9 meses	O consumo de FLV (frutas, legumes e verduras) foi menos prevalente entre filhos de multíparas ($p < 0,001$) e entre aqueles acompanhados no sistema público de saúde ($p < 0,001$); porém, estes dois grupos apresentaram maiores prevalências de consumo de alimentos ultraprocessados (respectivamente: $p < 0,001$ e $p = 0,001$). Ainda, a variável contextual referente ao porte populacional mostrou relação dose-resposta positiva para FLV ($p < 0,001$), e negativa para alimentos ultraprocessados ($p = 0,081$). Destacam-se grupos que deveriam ser priorizados nas ações nutricionais educativas sobre alimentação de lactentes
Souza et al., 2020	Brasil	283 crianças	Menores de 24 meses	Após os seis meses, o consumo regular de alimentos *in natura* aumentou consideravelmente, fazendo parte de forma expressiva da alimentação dessas crianças, sendo esse consumo maior do que o dos alimentos processados e ultraprocessados.
Lopes et al., 2020	Brasil	545 crianças	Menores de 24 meses	O consumo de alimentos ultraprocessados está presente precocemente na alimentação das crianças menores de 24 meses de idade, substituindo alimentos considerados naturais e saudáveis.
Rebouças et al., 2020	Brasil	2541 crianças	12 a 23 meses	Verduras/legumes e grãos foram os alimentos que mais deixaram de ser consumidos enquanto houve uma alta exposição à alimentação com a presença

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

				de alimentos processados e ultraprocessados, com uma prevalência extremamente alta
Giesta et al., 2019	Brasil	300 crianças	4 a 24 meses de vida	Verificou-se que apenas 21% das crianças ainda não haviam recebido nenhum tipo de alimento ultraprocessado, sendo que 56.5% recebeu algum destes alimentos antes dos seis meses
Lopes et al., 2018	Brasil	427 crianças	menores de 24 meses	Ao completarem 180 dias de vida, 4,0% das crianças estavam em aleitamento materno exclusivo, 22,4%, em aleitamento materno predominante, e 43,4%, em aleitamento materno complementar. As crianças já recebiam água (56,8%), suco natural/fórmula infantil (15,5%) e leite de vaca (10,6%) no terceiro mês de vida. Aos 12 meses de idade, o suco artificial foi oferecido para 31,1% das crianças e 50,0% já consumiam doces

Os resultados demonstraram alta prevalência de práticas alimentares inadequadas, com destaque para a introdução precoce de alimentos ultraprocessados antes dos seis meses de idade (Giesta et al., 2019; Melo et al., 2021). Em diversos estudos, observou-se que a maioria das crianças com menos de 24 meses já consumia alimentos como doces, refrigerantes e sucos artificiais (Flores et al., 2021; Rebouças et al., 2020; Lopes et al., 2020).

Também foi identificado comprometimento do aleitamento materno exclusivo, com introdução precoce de outros alimentos e líquidos nos primeiros meses de vida (Maciel et al., 2021; Lopes et al., 2018). Em contrapartida, alguns estudos relataram aumento no consumo de alimentos in natura após os seis meses de idade, embora esse padrão ainda fosse menos prevalente que o consumo de alimentos ultraprocessados (Souza et al., 2020). Além disso, fatores socioeconômicos e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

contextuais, como a escolaridade do responsável, número de filhos e tipo de atendimento em saúde, influenciaram diretamente os padrões alimentares e o risco de excesso de peso (Passanha et al., 2021; Flores et al., 2021).

Em síntese, os estudos convergem ao apontar a alimentação inadequada na primeira infância como fator determinante para o desenvolvimento precoce da obesidade infantil, ressaltando a importância de ações educativas e políticas públicas voltadas à promoção da alimentação saudável desde os primeiros meses de vida.

A partir da análise dos estudos selecionados, é possível afirmar que os fatores alimentares associados à obesidade em crianças brasileiras menores de dois anos estão profundamente relacionados ao padrão de aleitamento materno, à introdução precoce de alimentos inadequados e ao consumo elevado de produtos ultraprocessados. O aleitamento materno exclusivo (AME), recomendado até o sexto mês de vida, tem se mostrado uma prática cada vez mais negligenciada, mesmo sendo amplamente reconhecida por sua eficácia na promoção da saúde infantil e na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis (DANTAS; NASCIMENTO; RIBEIRO, 2021).

Diversos estudos apontam que a interrupção precoce do AME favorece a introdução de líquidos e alimentos que não são apropriados para a faixa etária, como sucos artificiais, leite de vaca e fórmulas infantis, o que pode comprometer a imunidade, o crescimento e o desenvolvimento cognitivo da criança (MACIEL et al., 2021; LOPES et al., 2018). Além disso, o aleitamento complementar — que deve ser iniciado a partir dos seis meses com alimentos in natura, mantendo-se o leite materno até, pelo menos, os dois anos — nem sempre é realizado com qualidade nutricional adequada (MELO et al., 2021). Muitas mães, por falta de orientação ou apoio institucional, acabam oferecendo alimentos com baixo valor nutricional, como doces e refrigerantes, o que contribui significativamente para o risco de obesidade infantil.

Os grupos alimentares introduzidos precocemente exercem influência direta no estado nutricional da criança. A literatura científica evidencia que dietas pobres em frutas, hortaliças, leguminosas e cereais, aliadas à presença de alimentos com alto teor de açúcar e gordura, impactam negativamente a formação de hábitos

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

alimentares saudáveis (OLIVEIRA et al., 2012; ANDRADE et al., 2022). O consumo inadequado de alimentos desde os primeiros anos de vida promove preferências alimentares desbalanceadas, sendo frequentemente motivado pela conveniência, custo e preferência da criança. Esse comportamento é, muitas vezes, reforçado pelo ambiente familiar e pela falta de conhecimento dos pais ou responsáveis sobre práticas alimentares saudáveis (VASCONCELOS et al., 2021; FLORES et al., 2021).

Outro fator determinante é a elevada ingestão de alimentos ultraprocessados pelas crianças brasileiras. Esses alimentos, ricos em açúcares, gorduras saturadas, sódio e aditivos químicos, apresentam alta densidade energética e baixo teor de fibras, proteínas e micronutrientes, e seu consumo tem sido associado a um maior risco de sobrepeso e obesidade (LOPES et al., 2020; PEREIRA et al., 2022). Estudos apontam que a introdução precoce desses produtos na alimentação infantil não apenas substitui alimentos mais nutritivos, mas também afeta negativamente a saciedade, contribuindo para o descontrole do apetite e favorecendo o ganho excessivo de peso (GIESTA et al., 2019; REBOUÇAS et al., 2020).

A crescente substituição de alimentos in natura ou minimamente processados por ultraprocessados reflete uma tendência global, mas que, no contexto brasileiro, está fortemente associada à vulnerabilidade socioeconômica, baixa escolaridade materna e uso do sistema público de saúde (PASSANHA et al., 2021). Esses fatores estruturais influenciam diretamente a qualidade da alimentação infantil, sendo fundamentais para o planejamento de políticas públicas que visem a redução das desigualdades e a promoção de práticas alimentares saudáveis desde os primeiros anos de vida.

Frente a esse cenário, torna-se imprescindível o fortalecimento das políticas de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, bem como a implementação de estratégias educativas sobre alimentação complementar saudável, com foco na prevenção da obesidade infantil. A atuação de profissionais da saúde, em especial enfermeiros, nutricionistas e agentes comunitários, é essencial para orientar e capacitar as famílias quanto às práticas alimentares adequadas (RODRIGUES et al., 2021; MARTINS et al., 2018). A inclusão de campanhas de educação alimentar e nutricional nas escolas, na atenção primária

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

e nos meios de comunicação pode auxiliar na conscientização da população sobre os riscos do consumo precoce de alimentos ultraprocessados e na importância do aleitamento materno exclusivo e da alimentação saudável nos primeiros dois anos de vida.

4. Conclusão

Este estudo evidenciou que práticas alimentares inadequadas nos primeiros dois anos de vida estão fortemente associadas ao risco de obesidade infantil no Brasil. A introdução precoce de alimentos ultraprocessados e o desmame antes dos seis meses, contrariando as recomendações de aleitamento materno exclusivo, são fatores críticos que comprometem o crescimento saudável e favorecem o desenvolvimento de doenças crônicas ao longo da vida.

A insuficiente orientação familiar sobre alimentação infantil adequada contribui para a adoção precoce de padrões alimentares não saudáveis. Diante disso, destaca-se a necessidade de ações efetivas de educação alimentar e nutricional, voltadas à promoção do aleitamento materno e ao incentivo ao consumo de alimentos in natura ou minimamente processados.

Por fim, políticas públicas intersetoriais, integrando saúde, educação e comunicação, são fundamentais para a prevenção da obesidade desde os primeiros anos de vida, promovendo saúde e qualidade de vida a longo prazo.

Referências

ARRAZ, Fernando Miranda. A importância da atividade física na infância. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, ano 3, ed. 8, v. 1, p. 92-103, ago 2018.

AMORIM, Maria Luana Sousa de; ASSIS, Rafaelle Vitória Salvador de; MACEDO, Maria Clara Monteiro de; LIMA, Larissa Mirele da Silva; LUCENA, Luana Ruthiele Chagas; SILVA, Bárbara Gabriela Pinto da; SILVA, Maria Mikaella da; SILVA, Amanda Tabosa Pereira da. Aleitamento materno exclusivo: aspectos desafiadores enfrentados pelas puérperas. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 22, n.

2, p. 159-168, 2022.

BARBOSA, R. As Contribuições dos Temas Transversais e Blocos de Conteúdos dos Pcn's de Educação Física nos Problemas de Saúde Pública do Brasil. 2004.

BELTRAMIN, S. M. et al. Influência da mídia na obesidade infantil. Revista Digital. Buenos Aires. 2015.

CAMPOS, Bruna Tafuri Lobato; PANTALIÃO, Amanda Araujo; CARVALHO, Julio Cesar Sarto; SIMÕES, Yanna Bosca Jezini; COSTA, Gustavo Vieira Rodrigues da; VILLAS BOAS, Gustavo Gonçalves; ARAÚJO, Laila Pontello. Obesidade infantil na atualidade: fatores de risco e complicações futuras. Brazilian Journal of Health Review, v. 6, n. 2, p. 5838-5845, mar.-abr./2023.

COELHO, Helena Martins; PIRES, António Prazo. Relações familiares e comportamento alimentar. Psic.: Teor. e Pesq., v. 30, n. 1, mar. 2014.

DATAR, Ashlesha; NICOSIA, Nancy; SHIER, Victoria. Maternal work and children's diet, activity, and obesity. Social Science & Medicine, Elsevier, v. 107(C), p. 196-204, 2014.

DUMITH, C. S.; MENDES JÚNIOR, A. R. M.; ROMBALDI, J. A. Aptidão física relacionada à saúde de alunos do Ensino Fundamental do município de Rio Grande, RS, Brasil. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, v. 14, p. 454-459, 2008.

ENES, Carla Cristina; SLATER, Betzabeth. Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes. Rev. bras. epidemiol., v. 13, n. 1, mar. 2010.

ENGLER, R. C.; GUIMARÃES, L. H.; LACERDA, A. C. G. Design e consumo: a influência da mídia sobre a obesidade infantil. Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2, 2016.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4010

ESCRIVÃO, Maria Arlete M.S, LIBERATORE JUNIOR, Raphael D. R.; SILVA, Rosa Rosegue E. Obesidade no paciente pediátrico da prevenção ao tratamento. São Paulo: Atheneu, 2013. (Série Atualizações Pediátricas).

FILHA, Elenice de Oliveira S.; ARAÚJO, Jackeline Silveira; BARBOSA, Juliana Santos; GAUJAC, Danielle Pereira; SANTOS, Cinthia Fontes da S.; SILVA, Danielle Góes da. Consumo dos grupos alimentares em crianças usuárias da rede pública de saúde do município de Aracaju, Sergipe. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 20, n. 3, p. 253-261, 2020.

FLORES, Thaynã Ramos; NEVES, Rosália Garcia; RASSI, Vânia; FERNANDES, Ana Paula de Miranda; GONÇALVES-SILVA, Rita M.; MOURA, Elza Campos. Padrões de consumo alimentar em crianças menores de dois anos no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 2, p. 625-636, 2021.

GIESTA, J. M.; ZOCHE, E.; CORRÊA, R. da S.; BOSA, V. L. Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. Ciência & Saúde Coletiva, v. 24, n. 7, p. 2387–2397, 2019.

GOLDBERG, Anne Carol. Dislipidemia (Hiperlipidemia). Manual MSD, mar. 2018. Disponível em: https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/dist%C3%BArbiosend%C3%B3crinos-e-metab%C3%B3licos/dist%C3%BArbioslip%C3%ADdicos/dislipidemia.

GONÇALVES, Duane Figueiredo. Obesidade infantil: etiologia, epidemiologia e fatores associados. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Nutrição). Faculdade Anhaguera, Brasília, 2019.

GUIMARÃES, T. Obesidade infantil: as causas, os riscos e como prevenir esse problema. Portal Unimed, outubro, 2018.

JEBEILE, Hiba et al. Obesity in children and adolescents: epidemiology, causes, assessment, and management. Lancet Diabetes Endocrinol, v. 10. Austrália, 2022. Disponível em: https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2213-8587%2822%2900047-X.

LIMA, Vanessa Ferreira de. A importância do aleitamento materno: uma revisão de literatura. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em [Nutrição]) – [Universidade Federal da Paraíba], [João Pessoa], 2020.

LOPES, Wanessa Casteluber; PINHO, Lucinéia de; CALDEIRA, Antônio Prates; LESSA, Angelina do Carmo. Consumo de alimentos ultraprocessados por crianças menores de 24 meses de idade e fatores associados.Fatores associados à prática alimentar de crianças brasileiras de 12 a 23 meses de vida. Rev. Paul. Pediatr. v 38, 2020.

LOUZADA, M. L. et al. Alimentos ultraprocessados e perfil nutricional da dieta no Brasil. São Paulo. Rev Saúde Pública, 2015.

MACHADO, Yara Líbia. Sedentarismo e suas consequências em crianças e adolescentes. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física). Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Sul de Minas, Muzambinho, 2011.

MACIEL, Vanizia Barboza da Silva; COCA, Kelly Pereira; CASTRO, Lucíola Sant'Anna de; ABRÃO, Ana Cristina Freitas de Vilhena. Diversidade alimentar de crianças indígenas de dois municípios da Amazônia Ocidental brasileira. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 7, p. 2921-2928, 2021.

MAHAN, K. L.; RAYMOND, L. J. Alimentos, nutrição e dietoterapia. 14. ed. Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, 2018.

MENEGASSI, Bruna; ALMEIDA, Juliana Barros de; OLÍMPIO, Mi Ye Marcaída; BRUNHARO, Marina Schiavinato Massei; LANGA, Fernanda Ramos. A nova classificação de alimentos: teoria, prática e dificuldades. Ciênc Saúde Colet, v. 23, n. 12, dez. 2018.

MELO, N. K. L. de; ANTONIO, R. S. do C.; PASSOS, L. S. F.; FURLAN, R. M. M. M. Aspectos influenciadores da introdução alimentar infantil. Distúrbios da Comunicação, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 14–24, 2021.

MONTEIRO, C. A.; LEVY, R. B.; CLARO, R. M.; CASTRO, I. R.; CANNON, G. Increasing consumption of ultra-processed foods and likely impact on human health: evidence from Brazil. Public Health Nutr., v. 14, p. 5-13, 2010. DOI: https://doi.org/10.1017/S1368980010003241.

MS. Guia alimentar para a população brasileira. 2.ed. Brasília: MS, 2014.

MS. Orientações para coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde. Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional SISVAN. Brasília: MS, 2011. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).

MS. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. 2.ed. Brasília: MS, 2015. (Cadernos de Atenção Básica, 23).

MS. Saúde da criança: nutrição infantil – aleitamento materno e alimentação complementar. Brasília: MS, 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, 23).

NASCIMENTO, B. S. et al. Obesidade infantil e má alimentação. 2022. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v11i16.37847.

OLIVEIRA, Taciane Simoni; POLL, Fabiana Assmann. A influência da publicidade na alimentação de escolares e sua relação com o excesso de peso. CIPPUS –

Revista de Iniciação Científica, v. 5, n. 1, 2016.

OMS. Estratégia global para a alimentação de lactentes e crianças de primeira infância. In: I Encontro Nacional sobre Segurança Alimentar e Nutricional na Primeira Infância, São Paulo, 2005. São Paulo: Baby Food Action Network, 2005.

OPAS. Alimentos e bebidas ultraprocessados na América Latina: tendências, efeito na obesidade e implicações para políticas públicas. OPAS. Brasil. 2018.

PALMEIRA, P. A.; SANTOS, S. M.; VIANNA, R. P. Feeding practice among children under 24 mouths in the semi-arid area of Paraíba, Brazil. Rev Nutr, Campinas, v. 24, n. 4, p. 553-563, 2011.

PASSANHA, Adriana; BENÍCIO, Maria Helena D'Aquino; VENÂNCIO, Sonia Isoyama; MARTINS, Paula Andrea. Determinantes do consumo de frutas, hortaliças e de alimentos ultraprocessados entre lactentes. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 1, p. 209-220, 2021.

PEREIRA, Anna Müller; BUFFARINI, Romina; DOMINGUES, Marlos Rodrigues; BARROS, Fernando Celso Lopes Fernandes; SILVEIRA, Mariângela Freitas da. Consumo de alimentos ultraprocessados por crianças de uma Coorte de Nascimentos de Pelotas. Revista de Saúde Pública, São Paulo, Brasil, v. 56, p. 79, 2022.

PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Alimentação e globalização: algumas reflexões. Cienc. Cult., v. 62, n. 4, São Paulo, out. 2010.

PURNELL, J. Q. et al. Definitions, Classification, and Epidemiology of Obesity. Endotext, v. 2, n. 1, p. 1-5, 2018.

RAMOS, Alessandra M. P. P.; BARROS FILHO, Antônio de A. Prevalência da obesidade em adolescentes de Bragança Paulista e sua relação com a obesidade dos pais. Arq Bras Endocrinol Metab, São Paulo , v. 47, n. 6, p. 663-668, dez. 2003.

REIS, Roberta Andrade; CUNHA, Inara Pereira da; CAINELLI, Eveline Costa; GONDINHO, Brunna Verna Castro; CORTELLAZZI, Karine Laura; GUERRA, Luciane Miranda; RECHE, Norma Sueli Gonçalves; BULGARELI, Jaqueline Vilela. Análise da prevalência do consumo de açúcar em consultas de puericultura. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 21, n. 4, p. 423-432, 2021.

RINALDI, A. E. M. et al. Contribuições das práticas alimentares e inatividade física para o excesso de peso infantil. Rev Paul Pediatr. 2008.

ROSSI, Alessandra; MOREIRA, Emília Addisson; RAUEN, Michelle Soares. Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com enfoque na família. Rev. Nutr., v. 21, 6, dez. 2008.

SILVA, M. A. et.al. O consumo de produtos ultraprocessados está associado ao melhor nível socioeconômico das famílias das crianças. Minas Gerais, 2018. DOI: 10.1590/1413-812320182411.25632017.

SANTOS, Jacileide Ferreira dos; PAZ, Wyrapaula Pereira da. O papel do nutricionista no combate à obesidade infantil. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Nutrição), Centro Universitário Brasileiro, Recife, 2021.

SANTOS, L. A. S. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. Rev. Nutr., v. 18, n. 5, 2015.

SOUTINHO, A. G. Práticas parentais alimentares e sua relação com o consumo de alimentos na infância. Dissertação de Mestrado. Brasília. Universidade de Brasília Faculdade de Ciências da Saúde Departamento de Nutrição Programa de

Pós-Graduação em Nutrição Humana. 2015.

SOUZA, Beatriz Santos; MOLERO, Mariana Prado; GONÇALVES, Raquel Gonçalves. Alimentação complementar e obesidade infantil. Revista Multidisciplinar da Saúde (RMS), v. 3, n. 02, p. 01-15, 2021.

TORRIENTE, G. M. Z. et al. Obesidad en la infancia: Diagnóstico y tratamiento. Revista Cubana Pediatría, Habana, v. 74, n. 03, p. 6-9, 2002.

VASCONCELOS, F. A.; BATISTA FILHO, M. History of the scientific field of Food and Nutrition in Public Health in Brazil. Cienc Saude Coletiva, v. 16, p. 81-90, 2011. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/ S1413-81232011000100012.

VASCONCELOS, Isadora Nogueira de; BRITO, Ilanna Maria Vieira de Paula; ARRUDA, Soraia Pinheiro Machado; AZEVEDO, Daniela Vasconcelos de. Amamentação e orientações sobre alimentação infantil:padrões alimentares e potenciais efeitos na saúde e nutrição de menores de dois anos. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., Recife, 21 (2): 429-439 abr-jun., 2021.

VAZ, D. S. S.; BENNEMAN, R. M. (2014). Comportamento alimentar e hábito alimentar: uma revisão. Uningá Review Journal, v. 20, n. 1, 2014.
WANDERLEY, Nogueira Emanuela; FERREIRA, Alves Vanessa, Obesidade: uma perspectiva plural. Minas Gerais, 2007.

WEFFORT, Virgínia Resende Silva (Org.). Obesidade na infância e adolescência: manual de orientação. 3.ed. São Paulo: SBP, 2019.

WHO. Diet, nutrition and the prevention of chronic diseases. Report of the joint WHO/ FAO expert consultation. Genebra: WHO; 2003.

REBOUÇAS, A. G., BERNARDINO, I. M., DUTRA, Emiliane Rodrigues, JOSÉ,

Carlos Pettorosi Imparato, DUARTE, Danilo Antonio, FLÓRINO, Flávia Martão. Fatores associados à prática alimentar de crianças brasileiras de 12 a 23 meses de vida. Rev. Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 20, 2020.

SOUZA, J. P. O; FERREIRA, Camila Silva; LAMOUNIER, Danielle Mendonça Buiatti; PEREIRA, Leandro Alves; RINALDI, Ana Elisa Madalena. Caracterização da alimentação de crianças menores de 24 meses em unidades da estratégia saúde da família. Rev. Paul. de Pediatria, v.38, 2020.

GIESTA, J. M; ZOCHE, Ester; CORRÊA, Rafaela da Silveira; BOSA, Vera Lucia. Fatores associados á introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. Ciência e saúde coletiva, v. 24, julho 2019.

LOPES, W. C; MARQUES, F. K. S.; OLIVEIRA, C. F.; RODRIGUES, J. A.; SILVA, M. F.; CALDEIRA, Antônio Prates; PINHO, de Lucinéia. Alimentação de crianças nos primeiros dois anos de vida. Rev. Paul. de Pediatria, v. 36 (02), APRIL-JUN 2018.